

## NOTA DO AUTOR

Este é um livro de memórias; é uma história verdadeira, baseada nas minhas recordações de vários acontecimentos da minha vida. Nos casos devidamente assinalados, os nomes e características identificativas de algumas pessoas mencionadas na obra foram alterados para proteger a sua privacidade. Nalguns casos, reordenei e/ou sintetizei acontecimentos e períodos de tempo no interesse da narrativa, e recriei diálogos adequados às minhas recordações mais exatas relativamente a diversas situações.

## PRÓLOGO

### UM BEBÉ NO MATAGAL

4 de maio de 1987

— Vales menos que o lodo do charco — disse o meu novo chefe, enquanto me conduzia pela sala de corretagem da LF Rothschild pela primeira vez. — Tens algum problema com isso, Jordan?

— Não — repliquei. — Não tenho problema nenhum.

— Ótimo — retrucou o meu chefe e continuou a andar.

Estávamos a percorrer um labirinto de secretárias de mogno castanhas e de fios de telefone pretos, no vigésimo terceiro piso de um edifício de escritórios de vidro e metal, que se elevava quarenta e um andares acima da fabulosa Quinta Avenida, em Manhattan. A sala de corretagem era um espaço muito vasto, com cerca de quinze por vinte e um metros. Era também um espaço opressivo, atulhado de secretárias, telefones, monitores de computador e uns quantos *yuppies* bastante detestáveis, setenta ao todo. Estavam em mangas de camisa e, àquela hora da manhã — eram nove e vinte —, recostavam-se nas suas cadeiras, lendo o *Wall Street Journal* e congratulando-se por serem os jovens Senhores do Universo.

Ser um Senhor do Universo parecia um nobre objetivo. Ao passar por aqueles Senhores, metido no meu fato azul barato e nos meus sapatos sem graça, dei por mim a desejar ser um deles. Mas o meu novo chefe não perdeu tempo a recordar-me que não era assim.

— O teu *trabalho* — disse ele, olhando para o cartão de identificação de plástico pregado à minha lapela azul barata —, Jordan Belfort, é *connector*, o que significa que marcarás quinhentos números de telefone por dia, tentando passar pelas secretárias. Não estarás a tentar vender seja o que for, nem a recomendar seja o que for, nem a criar seja o que for. Estarás apenas a tentar que os responsáveis pelas empresas venham ao telefone. — Fez uma breve pausa, depois atirou uma nova ferroadada. — E, quando *conseguíres* que um deles venha ao telefone, a única coisa

que dizes é: «Bom dia, Sr. Tal e Tal, tenho o Scott em linha.» Depois passas-me a chamada e recomeças a marcar números de telefone. Consideras-te à altura da tarefa ou achas que é demasiado complicada para ti?

— Não, sou capaz de o fazer — retorqui, num tom cheio de confiança, enquanto uma vaga de pânico desabava sobre mim como um *tsunami*. O estágio da LF Rothschild durava seis meses. Seriam meses duros, *arrasadores*, durante os quais estaria à mercê de estupores como o Scott, aquele *yuppie* cretino que parecia ter emergido das profundezas chamejantes do inferno *yuppie*.

Observando-o disfarçadamente pelo canto do olho, depressa concluí que Scott parecia um peixinho dourado. Era careca e pálido, e o pouco cabelo que lhe restava era de um tom alaranjado lamacento. Andava pelos trinta e poucos anos, era mais alto do que baixo e tinha o crânio estreito e os lábios rosados e cheios. Usava laço, o que lhe dava um aspeto ridículo. Os olhos castanhos esbugalhados por trás de uns óculos com aros de arame davam-lhe um certo ar de peixinho dourado.

— Ótimo — prossegui o peixinho dourado cretino. — Ora bem, as regras básicas são as seguintes: nada de intervalos, nada de telefonemas pessoais, nada de baixas por doença, nada de chegar atrasado e nada de vadiar. Tens trinta minutos para o almoço... — fez uma pausa, para maior efeito dramático — ... e é bom que voltes a horas, porque há cinquenta pessoas prontas a ocupar a tua secretária se meteres água.

Andava e falava, e eu seguia um passo atrás dele, fascinado pelos milhares de números cor de laranja que deslizavam pelos monitores cinzentos, indicando os valores das cotações. Na parte da frente da sala, uma parede envidraçada abria-se sobre o centro de Manhattan. Via-se o Empire State Building, que se erguia acima de tudo o resto, parecendo elevar-se até arranhar os céus. Era uma vista espantosa, uma vista digna de um jovem Senhor do Universo. Mas, naquele momento, tal objetivo parecia cada vez mais distante.

— Para dizer a verdade — cuspiu Scott —, não me parece que sejas talhado para este trabalho. Tens ar de miúdo e Wall Street não é lugar para miúdos. É um lugar para matadores. Um lugar para mercenários. Portanto, *nesse* sentido, tens sorte por não ser eu o responsável pelas contratações da empresa. — Soltou uma sequência de gargalhadinhas irónicas.

Mordi os lábios e não disse nada. Corria o ano de 1987 e dava a impressão de que os *yuppies* cretinos como o Scott dominavam o mundo. Wall Street estava no eixo de um mercado furiosamente ascendente e criavam-se dúzias de novos milionários todos os dias. O dinheiro era barato e um tipo chamado Michael Milken inventara

uma coisa a que chamara «*junk bonds*»<sup>1</sup>, a qual mudara a forma como a América empresarial tratava dos seus negócios. Era uma época de ganância desenfreada, uma época de excessos. Era a época dos *yuppies*.

Quando nos aproximámos da sua secretária, a minha némesis *yuppie* voltou-se para mim e disse:

— Vou dizê-lo mais uma vez, Jordan: estás abaixo de cão. Ainda nem sequer fazes chamadas a frio; não passas de um *connector*. — Pronunciava a palavra ressumando desdém. — E, até passares o teu exame de certificação, todo o teu universo se resumirá a fazer chamadas. É por isso que vales menos do que o lodo do charco. Tens algum problema com isso?

— De maneira nenhuma — respondi. — É o trabalho perfeito para mim, porque *valho* menos do que o lodo do charco. — Encolhi os ombros com uma expressão inocente.

Ao contrário de Scott, não pareço um peixinho dourado, pelo que me senti orgulhoso enquanto ele me esquadrinhava o rosto, em busca de qualquer sinal de ironia. Em contrapartida, sou a dar para o baixo e, aos vinte e quatro anos, ainda tinha as feições suaves de um adolescente. Tinha o tipo de rosto que tornava difícil entrar num bar sem que me pedissem um cartão de identidade. Tinha o cabelo farto, castanho-claro, pele macia cor de azeitona e um par de grandes olhos azuis. Não era feio de todo.

Mas, infelizmente, não estava a mentir quando dissera a Scott que me sentia abaixo do lodo do charco. A verdade é que era exatamente isso que sentia. O problema era que acabara de levar o meu primeiro empreendimento comercial à falência e a minha autoconfiança fora por água abaixo com a empresa. Tratara-se de um investimento mal concebido, na indústria de distribuição de carne e pescado, e, quando o negócio ruíra, dera por mim a dever o aluguer de vinte e seis camiões, do qual fora eu pessoalmente o fiador e cujo valor estava em dívida. Os bancos andavam atrás de mim, tal como uma beligerante senhora da American Express, que devia ter barba e pesar uns cento e cinquenta quilos, a avaliar pela maneira como falava, e que ameaçava dar-me uma tarefa com as suas próprias mãos se eu não pagasse. Ponderei a possibilidade de mudar de número de telefone, mas a minha conta telefónica estava tão atrasada que a NYNEX também andava atrás de mim.

Chegámos à secretária de Scott e ele apontou-me a cadeira ao lado da sua, brindando-me com algumas palavras de encorajamento:

— Olha para o lado bom da coisa — observou sarcasticamente. — Se, por milagre, não fores despedido por preguiça, estupidez, inso-

---

<sup>1</sup> Obrigações de elevado risco. (NT)

lência ou incompetência, então talvez possas vir um dia a tornar-te corretor da bolsa. — Riu afetadamente do seu próprio humor. — E, só para que saibas, no ano passado ganhei mais de trezentos mil dólares e o outro homem para quem vais trabalhar ganhou mais de um milhão.

Mais de um milhão?! Mal podia imaginar o calibre de estupor que o *outro* tipo devia ser. O coração caiu-me aos pés e perguntei:

— Quem é o outro homem?

— Porquê? — inquiriu o meu algoz *yuppie*. — Que te importa isso?

*Santo Deus!*, pensei para comigo. *Não fales a menos que te dirijam a palavra, seu patetoide!* Era como estar nos fuzileiros. Aliás, começava a ter uma forte impressão de que o filme favorito daquela besta era *Oficial e Cavaleiro* e que ele estava a viver uma fantasia pessoal de Lou Gossett à minha custa, fingindo ser um sargento da recruta responsável por um fuzileiro inadequado. Mas guardei esses pensamentos para mim próprio e disse apenas:

— Hum, nada. Foi só, hum, curiosidade.

— Chama-se Mark Hanna e não tardarás a conhecê-lo. — Dito isto, passou-me uma pilha de fichas de sete por doze centímetros, cada uma das quais tinha o nome e o número de telefone de um empresário rico. — Sorri e marca — ordenou ele —, e não te atrevas a levantar a cabeça do trabalho até ao meio-dia. — Depois sentou-se à sua secretária, pegou num exemplar do *Wall Street Journal*, pousou os sapatos de pele de crocodilo no tampo da mesa e pôs-se a ler.

Preparava-me para pegar no telefone quando senti uma mão robusta pousar no meu ombro. Levantei o olhar e percebi imediatamente que se tratava de Mark Hanna. Tresandava a sucesso, como um verdadeiro Senhor do Universo. Era corpulento, com cerca de um metro e oitenta e três de altura e cento e dez quilos de peso, sendo a maior parte desse peso composto por músculos. Tinha o cabelo negro de azeviche, olhos escuros e intensos, feições carnudas e uma boa dose de cicatrizes de acne. Era atraente, ao estilo da baixa, com um certo ar de Greenwich Village. Transbordava de carisma.

— Jordan? — perguntou ele, num tom notavelmente tranquilizador.

— Sim, sou eu — respondi, no tom de um condenado. — Praça Lodo do Charco, ao seu serviço!

Hanna soltou uma gargalhada calorosa. Os chumaços do seu fato cinzento de riscas fininhas, de dois mil dólares, subiam e desciam ao ritmo do seu riso. Depois, mais alto do que seria necessário, observou:

— Pois bem, estou a ver que já apanhaste a tua primeira dose do cretino da aldeia! — Indicou Scott com um gesto de cabeça.

Acenei impercetivelmente e ele piscou-me o olho:

— Não te preocupes: eu sou o corretor sénior, ele não passa de um

medricas sem valor. Portanto, não ligués a nada do que ele te disse, nem a nada do que ele venha a dizer-te no futuro.

Por muito que me esforçasse, não consegui evitar lançar uma olhadela na direção de Scott, que resmoneava as palavras:

— Vai-te foder, Hanna!

No entanto, Mark não se mostrou ofendido. Limitou-se a encolher os ombros e a colocar o seu volumoso corpo entre mim e Scott.

— Não deixes que ele te incomode. Ouvi dizer que és um vendedor de primeira. Daqui a um ano, aquele anormal vai andar a pedir-te batatinhas.

Sorri, sentindo um misto de orgulho e de embaraço:

— Quem te disse que eu era bom vendedor?

— O Steven Schwartz, o tipo que te contratou. Disse que o agaraste pelos gasganetes na entrevista de recrutamento. — Mark riu baixinho. — Ficou impressionado e disse-me para ter cuidado contigo.

— Pois, eu tinha medo que ele não me contratasse. Havia vinte candidatos à espera de serem entrevistados, de maneira que pensei que o melhor era fazer qualquer coisa drástica... sabes, para causar impressão.

— Encolhi os ombros. — Ele aconselhou-me a abrandar um pouco.

Mark esboçou um sorriso afetado:

— Bem, não abrandes *demasiado*. A alta pressão é uma parte integrante deste negócio. As pessoas não compram ações; as ações são-lhes vendidas. Nunca te esqueças disso. — Fez uma pausa, para que eu absorvesse bem o sentido das suas palavras. — Seja como for, ali o Sr. Lixo tinha razão num ponto: ser *connector* é uma treta. Fi-lo durante sete meses e todos os dias tinha vontade de me suicidar. Portanto, vou contar-te um segredo... — prosseguiu, baixando a voz em tom de conspiração —, limitas-te a  *fingir* que ligas. Escapas-te sempre que tiveres oportunidade. — Sorriu, piscou o olho e continuou, agora num tom normal: — Não me interpretes mal; quero que me passes tantas chamadas quanto possível, porque ganho dinheiro com elas. Mas não quero que acabes a cortar os pulsos, porque detesto ver sangue. — Piscou outra vez o olho. — Faz muitos intervalos. Vai aos lavabos bater uma, se tiver de ser. Era o que eu fazia e dava um resultadão. Gostas de bater punheta, não gostas?

Aquela pergunta apanhou-me de surpresa, mas, como viria a descobrir, uma sala de corretagem da Wall Street não é lugar para gracejos simbólicos. Palavras como *merda*, *porra*, *filho da mãe* e *cabrão* eram tão banais como *sim*, *não*, *talvez* e *por favor*.

— Sim, eu, hã, adoro punheta. Quero dizer, todos os homens gostam, não é?

Ele acenou, quase com alívio.

— Ótimo, isso é muito bom. Bater punheta é fundamental. Também recomendo vivamente o consumo de drogas, especialmente cocaína, porque te faz marcar os números mais depressa, o que é bom para mim. — Fez uma pausa, como se estivesse à procura de mais conselhos úteis, mas, ao que parecia, nada encontrou. — Bem, é mais ou menos tudo — disse ele. — Isto é todo o conhecimento que posso transmitir-te de momento. Vais sair-te bem, caloiro. Um dia até vais olhar para trás e rir disto tudo; isso te garanto eu. — Sorriu mais uma vez e sentou-se diante do seu próprio telefone.

Um momento depois soou um besouro, anunciando que a bolsa acabara de abrir. Lancei um olhar ao meu relógio *Timex*, comprado na JCPenney, por catorze dólares, na semana anterior. Eram nove e meia em ponto. Era o dia 4 de maio de 1987, o meu primeiro dia em Wall Street.

Logo de seguida, a voz de Steven Schwartz, o diretor de vendas da LF Rothschild, vibrou no altifalante:

— Muito bem, meus senhores. Os futuros parecem fortes esta manhã e estão a fazer-se compras a sério em Tóquio. — Steven tinha trinta e oito anos apenas, mas ganhara mais de dois milhões de dólares no ano anterior. (Era outro Senhor do Universo.) — Temos uma subida de dez pontos à hora da abertura — acrescentou —, portanto toca a pegar nos telefones!

A sala explodiu num pandemónio. Os pés voaram das secretárias; os exemplares do *Wall Street Journal* foram enfiados nos caixotes do lixo; as mangas das camisas foram enroladas até aos cotovelos; e, um a um, os corretores pegaram nos telefones e começaram a marcar. Eu fiz o mesmo.

Numa questão de minutos, toda a gente andava furiosamente de um lado para o outro, gesticulando violentamente e gritando para os bocais pretos. O som resultante era um rugido poderoso. Era a primeira vez que eu ouvia o rugido de uma sala de corretagem de Wall Street, algo semelhante ao rugido de uma multidão. Era um som que nunca esquecerei, um som que mudaria a minha vida para sempre. Era o som de homens jovens carregados de ganância e ambição, a bradar de alma e coração aos ouvidos de ricos proprietários de empresas de toda a América.

— A Miniscribe é um êxito do caraças por cá — gritava um *yuppie* de faces rechonchudas para o seu telefone. Tinha vinte e oito anos, um vício galopante em cocaína e um rendimento bruto de seiscentos mil dólares. — O seu corretor da Virgínia Ocidental? Valha-me Deus! Ele deve ser bom a escolher ações de minas de carvão, mas estamos nos anos oitenta! Agora o que interessa é a alta tecnologia!

— Tenho cinquenta mil da July Fifty! — berrava um corretor, duas secretárias mais adiante.

— Perderam o dinheiro! — bradava um terceiro.

— Não é uma venda que me vai enriquecer — jurava outro corretor ao seu cliente.

— Está a brincar? — exclamava Scott para o seu auscultador. — Depois de dividir a minha comissão com a empresa e o governo, nem consigo comprar comida para pôr na tigela do meu cão!

Volta e meia, um corretor batia triunfalmente com o auscultador do seu telefone, preenchia rapidamente uma ordem de bolsa e dirigia-se para um sistema de tubos pneumáticos que estava fixo a um pilar. Metia a ordem num cilindro transparente e ficava a vê-la ser sugada para o teto. Dali, a ordem viajava até à sala de mercados, do outro lado do edifício, de onde era reencaminhada para a Bolsa de Nova Iorque, para execução. O teto fora rebaixado, para criar espaço para a tubagem, e causava-me uma impressão claustrofóbica, como se pesasse sobre a minha cabeça.

Às dez horas, Mark Hanna já se deslocara três vezes até ao pilar e preparava-se para lá ir pela quarta vez. Era tão sedutor ao telefone que eu ficava literalmente abismado. Era como se estivesse a pedir desculpa aos seus clientes, ao mesmo tempo que lhes arrancava os olhos.

— Permita-me que lhe diga uma coisa — dizia ele naquele momento ao presidente de uma empresa da *Fortune 500*. — Orgulho-me de chegar ao fundo destas questões. E o meu objetivo é, não apenas guiá-lo para estas situações, mas guiá-lo também para fora delas. — O seu tom de voz era tão suave e delicado que quase se tornava hipnótico. — Gostaria de ser uma mais-valia para si no longo prazo; de ser uma mais-valia para a sua empresa, e para a sua família.

Dois minutos depois, Mark estava junto ao sistema de tubos, com uma ordem de bolsa de um quarto de milhão de dólares de ações de uma empresa chamada Microsoft. Eu nunca tinha ouvido falar da Microsoft, mas parecia uma empresa bastante decente. Fosse como fosse, a comissão de Mark sobre aquele negócio era de três mil dólares. Eu tinha sete dólares no bolso.

Ao meio-dia sentia-me tonto e estava cheio de fome. Aliás, estava tonto, esfomeado e a transpirar profusamente. Mas, acima de tudo, estava viciado. O rugido poderoso encapelava-se nas minhas entranhas, ressoava em cada fibra do meu ser. Sabia que era capaz de fazer aquele trabalho. Sabia que era capaz de o fazer *tal e qual* como o Mark Hanna, provavelmente ainda melhor do que ele. Sabia que era capaz de ser sedutor como seda.

Para minha grande surpresa, em vez de descer no elevador do prédio até ao átrio para gastar metade de todo o meu dinheiro em duas salsichas e uma coca-cola, dei por mim no elevador, sim, mas a subir à cobertura, com Mark Hanna ao meu lado. O nosso destino era um restaurante de cinco estrelas, chamado Top of the Sixes, que ficava no quadragésimo primeiro piso do edifício de escritórios. Era lá que a elite se encontrava para comer, um lugar onde os Senhores do Universo podiam encher-se de martínis e trocar histórias de guerra.

Mal entrámos no restaurante, Luis, o chefe de mesa, correu para Mark e apertou-lhe fortemente a mão, exclamando que era fantástico vê-lo numa tão gloriosa tarde de segunda-feira. Mark passou-lhe uma nota de cinquenta dólares, o que quase me fez engolir a minha própria língua. Luis conduziu-nos a uma mesa de canto, com uma vista fabulosa sobre o Upper West Side de Manhattan e a Ponte George Washington.

Mark sorriu a Luis e pediu:

— Traz-nos já dois martínis *Absolut*, Luis. Depois traz-nos mais dois daqui a... — olhou para o seu grosso *Rolux* de ouro e prosseguiu: — ... exatamente sete minutos e meio, e depois vai trazendo mais de cinco em cinco minutos, até um de nós cair para o lado.

Luis anuiu:

— Com certeza, Sr. Hanna. Isso é uma estratégia excelente.

Sorri a Mark.

— Peço desculpa — disse eu, num tom muito apologético —, mas, hã, não bebo. — Depois voltei-me para o chefe de mesa. — Pode trazer-me uma coca-cola. Serve perfeitamente.

Luis e Mark trocaram um olhar, como se eu tivesse cometido um crime. Mas Mark disse apenas:

— É o primeiro dia dele em Wall Street; dá-lhe tempo.

Luis olhou para mim, comprimiu os lábios e acenou com uma expressão grave:

— É perfeitamente compreensível. Não tenha medo: não tardará a ser um alcoólico.

Mark anuiu:

— Muito bem dito, Luis. Mas traz-lhe um martíni de qualquer maneira, não vá ele mudar de opinião. Na pior das hipóteses, bebo-o eu próprio.

— Excelente, Sr. Hanna. O senhor e o seu amigo pretendem comer hoje ou ficarão pelas bebidas?

De que raio estava Luis a falar? Era uma pergunta ridícula, considerando que era hora de almoço! Mas, para minha grande surpresa,

Mark respondeu que não pretendia comer nada, apenas eu comeria. Luis entregou-me uma ementa e foi buscar as nossas bebidas. Depressa compreendi a razão por que Mark não queria comer, ao vê-lo meter a mão no bolso do casaco, pegar num frasco de coca, desatarraxar a tampa e mergulhar uma pequena colher lá dentro. Recolheu uma cintilante pilha do mais potente supressor de apetite do mundo — nomeadamente, cocaína — e aspirou vigorosamente com a narina direita. Em seguida, repetiu o processo, aspirando agora com a esquerda.

Fiquei atónito. Mal podia acreditar! Em pleno restaurante! Entre os Senhores do Universo! Arrisquei uma olhadela em redor, pelo canto do olho, para ver se alguém reparara. Aparentemente, ninguém dera por nada e, retrospectivamente, não tenho dúvidas de que ninguém se importaria, mesmo que tivessem visto. Afinal, estavam todos muito ocupados a encher-se de vodca, uísque, gim e burbom, juntamente com toda a espécie de fármacos perigosos, que tinham adquirido com os seus salários loucamente inflacionados.

— Toma — ofereceu Mark, passando-me o frasquinho de coca. — O verdadeiro passaporte em Wall Street: isto e prostitutas.

*Prostitutas?* Que coisa tão estranha! Quero dizer, nunca tinha estado com nenhuma! Além disso, estava apaixonado por uma rapariga, que me preparava para desposar. Chamava-se Denise e era espetacular: tão bonita por dentro como por fora. As probabilidades de a enganar eram inferiores a zero. E no que dizia respeito à coca, bem, tinha ido a bastantes festas quando andava na universidade, mas já tinham passado alguns anos desde a última vez que tocara em algo mais forte do que erva.

— Não, obrigado — respondi, sentindo-me ligeiramente envergonhado. — Não me dou muito bem com isso. Põe-me... hum... louco. Tipo, não consigo dormir, nem comer, e... hum... bem, começo a preocupar-me com tudo. Dá cabo de mim. Faz-me mesmo mal.

— Tudo bem — retorquiu ele, servindo-se de mais uma dose do frasquinho. — Mas garanto-te que a cocaína pode ajudar-te a aguentar os dias, aqui por estes lados. — Abanou a cabeça e encolheu os ombros. — É uma trampa ser corretor. Não me interpretes mal: ganha-se bem e tudo o mais, mas não se cria nada, não se *constrói* nada. De maneira que, com o tempo, fica um bocado monótono. — Fez uma pausa, como se procurasse as palavras adequadas. — A verdade é que não passamos de vendedores de banha da cobra. Nenhum de nós faz a mais pequena ideia das ações que vão subir! Limitamo-nos a atirar dardos ao alvo, compreendes, e a fazer uma grande faramalha. Mas descobrirás tudo isto por ti próprio.

Passámos os minutos seguintes a conversar acerca dos nossos antecedentes. Mark crescera em Brooklyn, no bairro de Bay Ridge, que, pelo que eu sabia, era bastante duro.

— Faça o que fizeres — ironizou ele —, não andes com nenhuma rapariga de Bay Ridge. São todas completamente maradas! — Aspirou nova dose de cocaína e acrescentou: — A última com quem andei apunhalou-me com uma porra de um lápis, enquanto eu dormia! Consegues imaginar uma coisa dessas?

Nesse momento, um criado vestido a rigor aproximou-se e pousou as nossas bebidas na mesa. Mark pegou no seu martíni de vinte dólares e eu peguei na minha coca-cola de oito.

— A uma subida do Dow Jones para cinco mil! — disse ele. Brindámos. — E à tua carreira na Wall Street! — acrescentou ele. — Que ganhes uma porra de uma fortuna nesta treta e consigas conservar pelo menos uma pequena porção da tua alma! — Sorrimos ambos e brindámos de novo.

Nesse preciso instante, se alguém me tivesse dito que, daí a muito poucos anos, eu seria o dono do restaurante no qual me encontrava e que Mark Hanna, bem como metade dos corretores da LF Rothschild, acabaria a trabalhar para mim, eu diria que esse alguém estava maluco. E se alguém me dissesse que eu viria a consumir linhas de cocaína no balcão do bar daquele mesmo restaurante, enquanto uma dúzia de prostitutas de luxo me olhavam com admiração, eu teria dito que esse alguém era doido furioso.

Mas isso seria apenas o princípio. Compreendem, naquele momento passavam-se coisas distantes, coisas que nada tinham a ver comigo, a começar por uma coisinha chamada *seguro de carteira*, que era uma estratégia de *hedging* controlada por computador, a qual acabaria por pôr fim ao mercado furiosamente ascendente e por precipitar o Dow Jones numa queda de 508 pontos num único dia. E, a partir daí, desenrolar-se-ia uma cadeia de acontecimentos quase inimaginável. A Wall Street suspenderia toda a atividade durante algum tempo e a sociedade de banca de investimento LF Rothschild seria obrigada a fechar a porta. Depois instalar-se-ia a loucura.

O que vos ofereço aqui é uma reconstituição dessa loucura — uma reconstituição satírica —, daquilo que viria a ser uma das fases mais extraordinárias da história de Wall Street. Ofereço-vo-la através da voz que falava dentro da minha cabeça nessa altura. É uma voz irónica, uma voz cheia de lábia, uma voz egoísta e, muitas vezes, uma voz desprezível. É uma voz que me permitiu racionalizar tudo o que pudesse impedir-me de viver uma vida de hedonismo desenfreado. Uma voz que me ajudou a corromper e manipular outras pessoas, e a trazer o caos e a loucura a toda uma geração de jovens americanos.

Cresci numa família da classe média, em Bayside, Queens, na qual palavras como *preto*, *spick*<sup>2</sup>, *wop*<sup>3</sup> e *chink*<sup>4</sup> eram consideradas do mais sujo que havia, palavras que nunca deviam ser pronunciadas, em quaisquer circunstâncias. Em casa dos meus pais, os preconceitos de qualquer espécie eram fortemente desencorajados; eram considerados como processos mentais de seres inferiores, de seres pouco esclarecidos. Sempre senti isso: na minha infância, na minha adolescência e até no auge da loucura. No entanto, esse tipo de palavras viria a sair-me da boca, com notável facilidade, sobretudo quando a loucura se instalou. Claro que também racionalizava isso, dizendo a mim próprio que estava em Wall Street e que, em Wall Street, não há tempo para gracejos delicados ou subtilezas sociais.

Porque vos digo estas coisas? Digo-as porque quero que saibam o que realmente sou e, mais importante ainda, o que não sou. E digo-as porque tenho dois filhos e, um dia, terei muitas explicações a dar-lhes. Terei de explicar como o seu adorável pai, o mesmo pai que agora os leva a jogos de futebol, participa nas reuniões de pais da sua escola, passa as noites de sexta-feira em casa e sabe fazer saladas César do princípio ao fim, pode ter sido uma pessoa tão desprezível outrora.

Mas o que espero sinceramente é que a minha vida sirva de alerta para ricos e pobres; para quem quer que esteja a viver com uma colher enfiada no nariz e um punhado de pílulas a dissolver-se no estômago; para qualquer pessoa que esteja a pensar em pegar num dom de Deus e desperdiçá-lo; para quem quer que resolva passar-se para o lado escuro da força e viver uma vida de hedonismo desenfreado. E para quem quer que julgue que existe algo de glamoroso em ser conhecido como o Lobo de Wall Street.

---

<sup>2</sup> Termo depreciativo para pessoas de origem hispânica. (NT)

<sup>3</sup> Termo depreciativo para pessoas de origem italiana. (NT)

<sup>4</sup> Termo depreciativo para pessoas de origem chinesa. (NT)

# LIVRO I

## CAPÍTULO 1

# UM LOBO COM PELE DE CORDEIRO

### Seis anos depois

A loucura não tardara a instalar-se e, no inverno de 1993, eu nutria o sentimento estranho de ter conseguido o papel principal num *reality show* da televisão, antes desse tipo de programas estar na moda. O meu espetáculo chamava-se *Estilo de Vida dos Ricos e Disfuncionais* e cada dia parecia ser mais disfuncional do que o anterior.

Fundara uma sociedade de corretagem chamada Stratton Oakmont, que era agora uma das maiores e, de longe, a mais selvagem da história de Wall Street. Corria o boato de que eu tinha um genuíno desejo de morte e que iria seguramente parar à sepultura antes de completar trinta anos. Mas eu sabia que tudo isso não passava de disparate, porque acabara de fazer trinta e um anos e ainda estava vivo e pronto para as curvas.

Lembro-me de uma madrugada de quarta-feira, em meados de dezembro, em que estava sentado aos comandos do meu helicóptero *Bell Jet* de dois motores, rumando do heliporto da 30<sup>th</sup> Street, no centro de Manhattan, para a minha propriedade em Old Brookville, Long Island, com drogas suficientes a circularem-me nas veias para sedar toda a população da Guatemala.

Passava pouco das três da manhã e voávamos a uma velocidade de cento e vinte nós, algures sobre a margem ocidental de Little Neck Bay, em Long Island. Lembro-me de pensar como era notável o facto de ser capaz de voar em linha reta quando estava a ver tudo a dobrar. Mas, de súbito, comecei a sentir-me tonto. De um momento para o outro, o helicóptero entrou num mergulho acentuado e as águas negras da baía aproximavam-se a uma velocidade estonteante. O rotor principal do aparelho vibrava terrivelmente e a voz transbordante de pânico do meu copiloto ressoava-me na cabeça, gritando freneticamente:

— Santo Deus, patrão! Suba! Suba! Vamos cair! Grande porra!

De repente, ficámos novamente nivelados.

O meu leal e fiável copiloto, o capitão Marc Elliot, estava vestido de branco, sentado diante dos seus próprios comandos. Mas tinha ordens estritas para não tocar neles, a menos que eu perdesse a consciência ou estivéssemos em risco iminente de nos despenharmos. Agora era ele quem pilotava o aparelho, o que, provavelmente, era pelo melhor.

O capitão Marc era um desses homens de queixo quadrado e feições marciais, que instilam confiança só de se olhar para eles. Aliás, o seu queixo não era a única coisa quadrada nele: todo o seu corpo parecia composto de peças quadradas, soldadas umas por cima das outras. Até o seu bigode preto era um retângulo perfeito, assente sobre o seu firme lábio superior, qual vassoura industrial.

Tínhamos descolado de Manhattan havia cerca de dez minutos, depois de uma longa noite de terça-feira que se descontrolara largamente. Contudo, tivera um começo bastante inocente, num restaurante da moda em Park Avenue, chamado Canastel's, onde eu jantara com alguns dos meus jovens corretores. Mas, de algum modo, tínhamos acabado na suíte presidencial do Helmsley Palace, onde uma prostituta muito cara, de seu nome Venice, senhora de uns lábios muito cheios e de umas virilhas suculentas, tentara utilizar uma vela para me ajudar a conseguir uma ereção, esforço esse que se revelara uma causa perdida. Era por isso que estava agora atrasado (cerca de cinco horas e meia atrasado, para ser mais preciso) e metido em mais um enorme sarilho com a minha dedicada segunda mulher, Nadine, a justamente irada aspirante a agressora de maridos.

Talvez tenham visto Nadine na televisão: era a loura sensual que tentava vender cerveja *Miller Lite* aos espectadores durante o *Monday Night Football*, a que caminhava pelo parque com um *frisbee* e um cão. Não dizia grande coisa no anúncio, mas ninguém se importava com isso. Obtivera o trabalho graças às suas pernas. Às pernas e ao traseiro, que era mais redondo do que o de uma porto-riquenha e suficientemente firme para se poder fazer ressaltar uma moeda em cima dele. Fosse como fosse, eu não tardaria a sentir os efeitos da sua justa ira.

Respirei fundo e tentei endireitar-me. Já me sentia bastante melhor, pelo que agarrei no *manche*, indicando ao Capitão Prumo-de-Esponja-Calças-Quadradas que estava pronto para pilotar de novo. Ele pareceu ficar um pouco nervoso, portanto brindei-o com um sorriso caloroso, de camarada de armas, e dirigi-lhe algumas palavras de encorajamento através do meu microfone de ativação por voz:

— Bai guezebugue zubzídio de rizgo pú izdo, 'migão — disse eu. O que pretendia dizer era: «Vai receber subsídio de risco por isto, amigão.»

— Sim, isso é *bestial!* — retorquiu o capitão Marc, deixando-me o comando do aparelho. — Lembre-me de cobrar, se chegarmos a casa vivos. — Abanou a sua cabeça quadrada, num gesto de resignação e de surpresa, e acrescentou: — E não se esqueça de fechar o olho esquerdo antes de iniciar a descida. Ajuda quando se está a ver a dobrar.

Era muito astuto e profissional, este meu capitão quadrado; na realidade, ele próprio adorava farra. E, além de ser o único piloto encartado presente naquele *cockpit*, era também o comandante do meu iate de cinquenta metros, o *Nadine*, batizado em honra da minha acima referida esposa.

Dirigi ao meu capitão um caloroso sinal com os polegares para cima, depois olhei pela janela do *cockpit* e tentei orientar-me. Mais à frente via as chaminés às riscas vermelhas e brancas que se elevavam do abastado subúrbio judeu de Roslyn. Aquelas chaminés eram um indicador visual de que estava prestes a penetrar no coração da Gold Coast de Long Island, onde fica Old Brookville. A Gold Coast é um lugar estu-pendo para se viver, sobretudo se gostarmos de aristocratas WASP<sup>5</sup> e de cavalos excessivamente caros. Pessoalmente, desprezo ambas as coisas, mas a verdade é que possuía vários cavalos excessivamente caros e me dava com um bom punhado de aristocratas WASP, os quais, suponho eu, me encaravam como uma espécie de jovem atração de circo judaica.

Olhei para o altímetro. Indicava trezentos pés e descia rapidamente. Rodei o pescoço, qual lutador campeão ao entrar no ringue, e comecei a minha descida num ângulo de trinta graus, sobrevoando os relvados ondulantes do Country Club de Brookville. Depois endireitei o *manche* para passar sobre as luxuriantes copas das árvores de ambos os lados da Hegemans Lane, onde iniciei a descida final em direção ao campo de treino, nas traseiras da minha propriedade.

Trabalhando os pedais, fiz o aparelho pairar a cerca de seis metros do chão. Depois tentei aterrar. Um pequeno ajustamento com o pé esquerdo, um pequeno ajustamento com o direito, um pouco menos de potência no coletivo, um tudo-nada de pressão no *manche*... e eis que o helicóptero bateu no solo e subiu de novo.

— *Oh, megda!* — gemi. Tomado de pânico, puxei o coletivo e o helicóptero começou a cair como uma pedra. Então, *PAM!*, aterrámos com um baque assustador.

Abanei a cabeça, atónito. *Que descarga incrível aquilo fora!* Não fora uma aterragem perfeita, mas que importância tinha isso? Virei-me para o meu querido capitão e tartamudeei, a transbordar de orgulho:

— Zou bom, 'migão, ou zou bom?

---

<sup>5</sup> Abreviatura de *white anglo-saxon protestant* (branco anglo-saxónico protestante). (NT)

O capitão Marc espetou a sua cabeça quadrada e arqueou as suas sobrancelhas retangulares até chegarem a meio da sua testa quadrada, como se quisesse dizer: «Endoideceu de vez?!» Mas depois começou a acenar lentamente e um sorriso sardónico surgiu-lhe no rosto:

— É bom, sim, amigão. Tenho de reconhecer que sim. Fechou o olho esquerdo?

Acenei afirmativamente.

— Guezultou em zeio — respondi, continuando a entarmelar a língua. — Vozê é o maio'!

— Ótimo. Fico muito satisfeito por pensar assim. — Deu uma gargalhadinha. — O melhor é pôr-me a andar daqui para fora, antes que nos metamos num sarilho. Quer que ligue para a casa da guarda, para o virem buscar?

— Não. 'Tô bem, 'migão. 'Tô bem. — Com isto, desapertei o cinto de segurança, saudei o capitão Marc com uma continência fingida, abri a porta do *cockpit* e saltei para o chão. Depois rodei sobre mim próprio, fechei a porta e bati na janela, para indicar ao capitão que tivera o sentido de responsabilidade de fechar a porta. Isso provocava-me um sentimento de grande satisfação, o facto de um homem no meu estado estar suficientemente sóbrio para fazer isso. Por fim, rodei novamente nos calcanhares e encaminhei-me para casa, direito ao olho do furacão Nadine.

Estava estupendo cá fora. No céu brilhavam inúmeras estrelas cintilantes. A temperatura era razoavelmente amena para dezembro. Não corria uma brisa, o que fazia com que o ar tivesse aquele cheiro a terra e madeira que nos faz evocar a infância. Lembrei-me de noites de verão no campo de férias; lembrei-me do meu irmão mais velho, Robert, com quem perdera o contacto quando a mulher dele ameaçara processar uma das minhas empresas por assédio sexual; convidara-o para jantar, excedera-me com as drogas e chamara cretina à mulher dele. No entanto, ainda havia boas recordações, recordações de tempos muito mais simples.

Estava a cerca de duzentos metros de casa. Respirei fundo, desfrutando do aroma da minha propriedade. *Que bem que cheirava!* Aquela erva das Bermudas! O odor pungente dos pinheiros! E tantos sons tranquilizadores! O incessante canto dos grilos! O piar místico das corujas! O rumorejar da água que corria naquele ridículo sistema de lago e cascata artificial, lá adiante!

Tinha comprado a propriedade ao presidente da Bolsa de Nova Iorque, Dick Grasso, que exibia uma estranha semelhança com Frank Perdue, o vendedor de frangos. Depois gastara uns quantos milhões a fazer melhoramentos; a maior parte desses milhões fora engolida por

aquele ridículo sistema de lago e cascata artificial, o restante fora para uma casa da guarda e um sistema de segurança topo de gama. A casa da guarda funcionava vinte e quatro horas por dia, com dois seguranças armados, ambos chamados Rocco. Lá dentro havia bancadas cheias de monitores de televisão, que recebiam imagens de vinte e duas câmaras de segurança distribuídas por toda a propriedade. Cada câmara estava ligada a um sensor de movimento e a um holofote, criando um anel de segurança impenetrável.

Uma súbita e tremenda deslocação de ar fez-me esticar o pescoço, para ver o helicóptero elevar-se no céu negro. Dei por mim a dar pequenos passos para trás, depois os passos tornaram-se maiores e então... *Oh, merda! Estava metido em sarilhos! Ia estender-me ao comprido!* Rodei sobre mim mesmo e dei dois passos gigantescos para a frente, abrindo os braços como se fossem asas. Qual patinador descontrolado, cambaleei de um lado para o outro, tentando desesperadamente encontrar o meu centro de gravidade. Então, de súbito... uma luz ofuscante!

*Que diabo!* Levei as mãos aos olhos, protegendo-me da dor intensa provocada pelo holofote. Tinha tropeçado num dos sensores de movimento e era agora vítima do meu próprio sistema de segurança. A dor era insuportável. Tinha os olhos dilatados por causa das drogas, as pupilas do tamanho de pratos.

Veio então o insulto final: tropecei nos meus elegantes sapatos de pele de crocodilo, voei para trás e fui aterrar de costas no chão. Alguns segundos mais tarde, o holofote apagou-se. Baixei lentamente o braço e apoiei as palmas das mãos na relva macia. *Que sítio maravilhoso escolhi para cair!* Aliás, eu era um especialista em quedas; sabia exatamente como cair sem me magoar. O segredo era deixarmo-nos ir, como fazem os duplos de Hollywood. Melhor ainda: a minha droga de eleição, o *Quaalude*, tinha o maravilhoso efeito de transformar o meu corpo em borracha, protegendo-me ainda mais de qualquer lesão.

Resisti à ideia de que era justamente o *Quaalude* o responsável por me fazer cair. Afinal, o seu consumo proporcionava tantas vantagens que me considerava um homem de sorte por ter aquele vício. Bem vistas as coisas, quantas outras drogas conseguiam fazer o consumidor sentir-se igualmente bem, sem provocar ressaca na manhã seguinte? Um homem na minha posição, um homem sobre cujos ombros pesavam tantas responsabilidades, não podia permitir-se o luxo de ter ressacas, pois não?

E a minha mulher... Bem, suponho que conquistara o direito a fazer-me uma cena; e, no entanto, teria assim tantas razões para estar zangada? Afinal, quando casara comigo sabia no que estava a meter-se, não sabia? Tinha sido minha amante, com a breca! Isso revelava alguma

coisa, ou não? Além disso, que tinha eu feito de facto naquela noite? Nada de muito terrível ou, pelo menos, nada que ela pudesse provar!

E a minha mente retorcida continuou assim, num incessante processo circular: racionalizando, justificando, negando, para depois racionalizar de novo, até conseguir uma saudável dose de ressentimento fundamentado. Sim, disse para comigo, havia coisas que se passavam entre os homens ricos e as respetivas esposas que já remontavam ao tempo das cavernas ou, pelo menos, ao tempo dos Vanderbilt e dos Astor. Havia liberdades, por assim dizer, determinadas liberdades a que os homens de poder tinham direito, que os homens de poder mereciam! Claro que isso não era coisa que eu pudesse dizer na cara de Nadine. Além de ser dada à violência física, ela era maior do que eu ou, pelo menos, do mesmo tamanho, o que, aliás, constituía mais um motivo de ressentimento contra ela.

Ouvi o zumbido elétrico do carrinho de golfe. Devia ser Rocco Noite, ou talvez Rocco Dia, dependendo da hora a que os respetivos turnos terminavam. Fosse como fosse, vinha aí um Rocco para me buscar. Era extraordinário como tudo parecia acabar sempre em bem. Quando caía, havia sempre alguém para me levantar; quando conduzia sob a influência do álcool, havia sempre um juiz ou um polícia corrupto disposto a resolver o problema; e quando perdia a consciência à mesa do jantar e começava a afogar-me no prato da sopa, estava lá sempre a minha mulher ou, na ausência desta, uma qualquer prostituta benevolente para me ajudar com respiração boca a boca.

Era como se eu fosse *à prova de bala* ou coisa do género. Quantas vezes enganara a morte? Era impossível dizer. Queria realmente morrer? O meu remorso e os meus sentimentos de culpa estariam a devorar-me com voracidade suficiente para que eu estivesse, de facto, a tentar pôr fim à própria vida? Quero dizer, pensando bem, era espantoso! Tinha arriscado a vida mais de mil vezes e, no entanto, não ficara com o mais ínfimo arranhão. Tinha conduzido embriagado, tinha voado drogado, tinha saltado do alto de um edifício, tinha praticado mergulho durante uma falha de energia, tinha jogado milhões de dólares em casinos por todo o mundo, e continuava a não parecer ter mais de vinte e um anos.

Tinha montes de alcunhas: Gordon Gekko, Don Corleone, Kaiser Soze; até me chamavam Rei. Mas a minha alcunha favorita era o Lobo de Wall Street, porque me assentava como uma luva. Eu era o verdadeiro lobo com pele de cordeiro: parecia um miúdo, portava-me como um miúdo, mas não era miúdo nenhum. Tinha trinta e um anos de vida e sessenta de experiência; era como os cães: em cada ano, envelhecia sete. Mas era rico e poderoso, e tinha uma mulher lindíssima e uma filha de quatro meses que era a imagem da perfeição.

Como se costuma dizer, tudo estava bem e tudo parecia resultar. De algum modo, não sabia bem como, ia acabar aconchegado debaixo de um edredão de seda de doze mil dólares, a dormir num quarto tão imponente como uma câmara real, forrado com seda chinesa suficiente para equipar todo um esquadrão de paraquedistas. E a minha mulher... bem, perdoar-me-ia. Afinal, perdoava sempre.

Embalado por esse último pensamento, perdi a consciência.

## CAPÍTULO 2

### A DUQUESA DE BAY RIDGE

13 de dezembro de 1993

Na manhã seguinte — ou, se quisermos ser picuinhas, algumas horas depois — tive um sonho maravilhoso. Era o tipo de sonho por que qualquer homem jovem reza e anseia, portanto deixei-me levar.

Estou estendido na cama, sozinho, e Venice, a prostituta, aproxima-se de mim. Ajoelha-se na beira do meu sumptuoso leito real, pairando imediatamente fora do alcance das minhas mãos, como uma visão perfeita. Vejo-a com toda a nitidez... o luxuriante cabelo castanho... as feições delicadas... os seios jovens e cheios... as virilhas incrivelmente suculentas a brilhar de ganância e desejo.

— Venice — digo-lhe eu. — Vem para junto de mim, Venice. Vem para junto de mim, Venice!

Ela avança para mim, de gatas. A sua pele muito branca brilha no meio da seda. A seda... há seda por toda a parte. Um enorme dossel de seda chinesa branca suspenso lá em cima, ondas de seda chinesa branca suspensas nos quatro cantos da cama. Tanta seda chinesa branca... estou a afogar-me em toda aquela maldita seda branca. E, nesse instante, os números começam a afluir-me ridiculamente à memória: a seda custou duzentos e cinquenta dólares a jarda e deve haver ali umas boas duzentas jardas dela. Isso corresponde a cinquenta mil dólares de seda chinesa branca. Tanta porra de seda branca!

Aquilo foi obra da minha mulher, da minha querida aspirante a decoradora, espera, isso era a aspiração dela no mês passado, não era? Agora não é aspirante a mestre de culinária? Ou será que é aspirante a arquiteta paisagista? Ou a conhecedora de vinhos? Ou a grande costureira? Não há quem consiga manter-se a par de todas as suas famigeradas aspirações. Tão cansativo... é tão cansativo estar casado com uma Martha Stewart em embrião!

De repente, senti uma gota de água. Levantei os olhos. Que raio?! Nuvens de tempestade? Mas como pode haver nuvens de tempestade dentro da câmara real? Onde está a minha mulher? *Grande merda! A minha mulher! A minha mulher! O furacão Nadine!*

CHAPE!

Acordei para deparar com o rosto furioso, mas nem por isso menos bonito, da minha segunda mulher, Nadine. Na mão direita segurava um copo de água vazio; a esquerda estava cerrada num punho, no qual brilhava um diamante amarelo-canário de sete quilates, montado num engaste de platina. Estava a menos de metro e meio de mim, a balançar para trás e para a frente sobre os calcanhares, como um lutador profissional. Fiz uma rápida nota mental para ter cuidado com o anel.

— Para que diabo fizeste isso? — gritei, sem muita convicção. Limpei os olhos com as costas da mão e tirei um instante para estudar a Esposa Número Dois. *Santo Deus, era um belo pedaço de mulher, aquela minha esposa!* Não conseguia levar-lhe nada a mal, nem mesmo naquela altura. Vestia uma minúscula camisa de noite cor-de-rosa, que era tão curta e tão decotada que a fazia parecer mais nua do que se estivesse em pelo. E que pernas ela tinha! Céus, eram mesmo deliciosas! Mas não era essa a questão. A questão é que eu tinha de ser duro e de lhe mostrar quem mandava. Rosnei, de dentes cerrados:

— Nadine, juro por Deus que vou matar...

— Oh, estou cheia de medo! — interrompeu aquela espécie de foguete louro. Abanou a cabeça com repugnância e os seus mamilos rosados saltaram do trapinho que lhe servia de roupa. Tentei não ficar a olhar, mas era difícil. — Se calhar o melhor é fugir a correr e esconder-me num cantinho — troçou ela. — Ou talvez fique aqui e *te dê cabo do canastro!* — As últimas palavras saíram-lhe aos gritos.

Bom, talvez fosse mesmo *ela* quem mandava. Fosse como fosse, ela tinha indubitavelmente direito a fazer-me uma cena; era inegável. E a Duquesa de Bay Ridge tinha mau génio. Sim, ela era duquesa: era britânica de nascimento e ainda usava passaporte britânico. Nunca se cansava de me recordar esse facto maravilhoso. O que não deixava de ser uma enorme ironia, porque a verdade é que ela nunca vivera na Grã-Bretanha. A família fora viver para Bay Ridge, Brooklyn, ainda ela era bebé e fora aí, na terra das consoantes suprimidas e das vogais torturadas, que ela fora criada. Bay Ridge é um minúsculo cantinho de terra onde palavras como *porra, merda, filho da mãe e cabrão* rolam dos lábios dos jovens com a bravata poética de T. S. Eliot e Walt Whitman. Fora aí que Nadine Caridi, a minha encantadora duquesa rafeira, de ascendência inglesa, irlandesa, escocesa, alemã e norueguesa, aprendera

a encadear as suas pragas, ao mesmo tempo que aprendia a atar os atacadores dos seus patins de rodas.

Era uma espécie de piada de mau gosto, pensei para comigo, considerando o aviso de Mark Hanna acerca de andar com raparigas de Bay Ridge, havia tantos anos. Se bem me lembrava, a namorada dele apunhalara-o com um lápis enquanto ele dormia; a Duquesa preferia atirar água. Portanto, de certo modo, eu estava bastante melhor do que ele.

Fosse como fosse, quando a Duquesa se zangava era como se as suas palavras jorrassem de um cano fedorento do sistema de esgotos de Brooklyn. E ninguém conseguia fazê-la zangar tanto como eu, o seu leal e fiel marido, o Lobo de Wall Street, que, havia menos de cinco horas, estivera na suíte presidencial do Helmsley Palace com uma vela no rabo.

— Conta-me lá, seu merdinhas da treta — prosseguiu a Duquesa —, quem diabo é a Venice, hem? — Fez uma pausa e deu um passo em frente, transbordando de agressividade. Assumi imediatamente uma pose, com as ancas espetadas numa exibição de insolência, uma perna comprida e nua apontada para o lado e os braços cruzados por baixo dos seios, expondo ainda mais os mamilos. — Deve ser uma prostituta qualquer, até aposto. — Semicerrou acusadoramente os seus grandes olhos azuis. — Julgas que eu não sei o que andas a fazer? Ora, devia era partir-te a cara, seu... seu... *grrrrrrrrrr!* — Soltou um rosnido furioso. Quando acabou de rosnar, não retomou a pose anterior; atravessou o quarto em grandes passadas, sobre o tapete *Edward Fields* de cento e vinte mil dólares, bege e acastanhado, feito por encomenda. Chegou como um raio à casa de banho, que ficava a uns bons nove metros da cama, abriu a torneira, encheu novamente o copo, fechou a torneira e regressou, no mesmo passo furioso, parecendo duas vezes mais zangada. Tinha os dentes cerrados de raiva, acentuando extraordinariamente o seu maxilar quadrado de jovem modelo. Parecia uma duquesa dos infernos.

Entretanto, eu tentava ordenar as ideias. Mas ela foi demasiado rápida para mim. Não me deu tempo para pensar. Devia ser por causa daquele maldito *Quaalude!* Provavelmente tinha-me feito falar enquanto dormia. *Oh, merda!* Que teria eu dito? Examinei rapidamente as possibilidades: a limusina... o hotel... as drogas... Venice, a Prostituta... Venice com a vela... *Oh, céus, a porra da vela!* Apressei-me a afastar esse pensamento.

Olhei para o relógio digital que estava na mesinha de cabeceira. Eram sete e dezasseis. Céus! A que horas teria eu chegado a casa? Abanei a cabeça, tentando sacudir as teias de aranha. Passei os dedos

pelo cabelo. Credo! Estava encharcado! Ela devia ter-me despejado a água pela cabeça abaixo. A minha mulher! E depois chamara-me merdinhas... merdinhas da treta! Porque me chamara tal coisa? Não era assim tão pequeno, pois não? Ela sabia ser muito cruel, a minha Duquesa.

Estava outra vez a metro e meio de mim, com o copo cheio de água na mão, o cotovelo dobrado para o lado: em posição de atirar! E a expressão do seu rosto! Era *puro veneno!* No entanto, no entanto... mas que beldade! Não era só a sua magnífica cabeleira loura, mas os incandescentes olhos azuis, os malares gloriosos, o nariz minúsculo, a perfeição da linha do maxilar, a covinha do queixo, os seios cremosos e juvenis... um pouco mais caídos depois de ter amamentado a Chandler, mas isso não era nada que não pudesse resolver-se com dez mil dólares e um bisturi bem afiado. E aquelas pernas... Deus do céu, aquelas longas pernas nuas rebentavam todas as escalas! Eram tão perfeitas, a afunilarem graciosamente no tornozelo sem deixarem de se conservar voluptuosas acima do joelho. Eram indubitavelmente a sua melhor característica, juntamente com o traseiro.

Havia apenas três anos que vira a Duquesa pela primeira vez. Aquela visão parecera-me tão tentadora que acabara por deixar a minha bondosa primeira mulher, Denise, pagando-lhe uma indemnização de milhões à cabeça, mais cinquenta mil dólares por mês de pensão de alimentos não dedutível nos impostos, para que ela partisse sem fazer escândalo e sem exigir uma auditoria completa aos meus negócios.

Como as coisas se haviam deteriorado depressa! E que fizera eu afinal? Dissera algumas palavras enquanto dormia? Que mal tinha isso? A Duquesa estava claramente a exagerar. Aliás, agora era eu quem tinha todas as razões para me zangar com ela. Talvez conseguisse manobrar as coisas no sentido de uma rápida sessão de sexo de reconciliação, que é o melhor sexo que há. Respirei fundo e disse, num tom de total e absoluta inocência:

— Porque estás tão zangada comigo? Quero dizer... estou a ficar a modos que confuso.

A Duquesa espetou a cabeça para o lado, na atitude de alguém que ouviu algo que desafia completamente a lógica:

— Estás confuso? Estás confuso? Ora, seu... merdinhas... filho da mãe! — *Merdinhas, outra vez! Era incrível!* — Por onde queres que comece? Que tal o facto de teres chegado aqui, naquele teu estúpido helicóptero, às três da manhã, sem sequer uma porra de um telefonema a avisar que ias chegar tarde? Isso é comportamento normal para um homem casado?

— Mas eu...

— Homem casado e pai, nada menos! Sim, porque agora és pai! Mas continuas a portar-te como uma porra de uma criança! Importas-te sequer que eu tivesse acabado de arranjar aquele ridículo campo de treino com relva das Bermudas? A esta hora já está tudo estragado! — Abanou a cabeça, enojada, e prosseguiu: — Mas porque havias de te importar? Não foste tu quem passou séculos a estudar o assunto e a tratar com os paisagistas e o pessoal do campo de golfe. Sabes quanto tempo dediquei à parvoíce desse teu projeto de merda? Sabes, seu filho da mãe sem consideração?

Ah, então este mês ela é aspirante a arquiteta paisagista! Mas é uma arquiteta muito *sexy*! Deve haver maneira de dar a volta àquilo tudo. Algumas palavras mágicas.

— Por favor, querida, eu...

— Não te atrevas a chamar-me querida! — atalhou ela, num aviso feito de dentes cerrados. — Nunca mais terás direito a chamar-me querida!

— Mas, querida...

*CHAPE!*

Mas desta vez eu estava preparado e consegui proteger-me com o edredão de doze mil dólares, defletindo a maior parte da sua ira. Na realidade, a água mal me salpicou. Mas, infelizmente, a minha vitória foi breve, pois, quando saí de debaixo do edredão, ela já ia a caminho da casa de banho, para encher novamente o copo.

Regressou. Na sua mão, o copo estava cheio até à borda; os seus olhos azuis desferiam raios mortíferos; o seu maxilar de jovem modelo parecia imenso; e as suas pernas... Céus! Não conseguia tirar os olhos delas. Mas agora não havia tempo para essas coisas. Estava na altura de o Lobo fazer a sua aparição. Estava na altura de o Lobo mostrar os dentes.

Tirei os braços de debaixo do edredão de seda branca, com cuidado para não os emaranhar nos milhares de pequenas pérolas que tinham sido pregadas à mão no tecido. Depois fleti os cotovelos, como asas de frango, dando à encolerizada Duquesa uma visão perfeita dos meus poderosos bicípites, e disse, em voz alta e firme:

— Não te atrevas a atirar-me essa água, Nadine. Estou a falar a sério! Dou os dois primeiros de barato, por estares tão zangada, mas continuar a fazer isso, uma e outra vez... Bem, é como apunhalar um morto que jaz no chão, numa poça de sangue! É doentio!

Aquilo pareceu acalmá-la, mas apenas por um segundo.

— Queres parar de fletir os braços, por favor? — disse ela, em tom de troça. — Pareces uma porra de um imbecil!

— Não estava a fletir os braços — retorqui, deixando de os fletir. — Acontece apenas que tens a sorte de teres um marido que está

em excelente forma. Não é, amor? — Brindei-a com o mais caloroso dos sorrisos. — Agora vem cá, já, imediatamente, e dá-me um beijo! — Ainda as palavras não me tinham saído dos lábios e já eu sabia que cometera um erro.

— Dar-te um beijo? — cuspiu a Duquesa. — Estás a gozar comigo? — Cada palavra ressumava repugnância. — Estive quase a arrancar-te os tomates e a metê-los numa das minhas caixas de sapatos. Nunca mais os encontravas!

Santo Deus, ela tinha razão nesse ponto! O seu armário de sapatos era do tamanho do Delaware e os meus tomates perder-se-iam para sempre.

— Dá-me oportunidade de explicar — pedi, com a maior das humildades —, por favor, queri... amorzinho! Por favor, peço-te!

O rosto dela suavizou-se imediatamente.

— Nem posso crer! — disse ela, por entre pequenas fungadelas. — Que fiz eu para merecer isto? Sou uma boa mulher. Uma mulher bonita. No entanto, tenho um marido que chega a casa a altas horas da noite e que fala de outra rapariga a dormir! — Pôs-se a gemer desdenhosamente: — Ooooooh... Venice... Vem para junto de mim, Venice.

Céus! O que o *Quaalude* fazia! Agora ela estava a chorar. Era um completo desastre. Que hipótese tinha eu de conseguir metê-la novamente na cama enquanto estivesse a chorar? Precisava de mudar de rumo, de encontrar uma nova estratégia. Num tom de voz que normalmente se reservaria a alguém que estivesse na beira de um precipício a ameaçar saltar, pedi:

— Pousa o copo, amorzinho, e para de chorar. Por favor. Posso explicar tudo, palavra!

Devagar, com relutância, ela baixou o copo de água ao nível da cintura.

— Vá lá — acedeu, num tom carregado de descrença. — Vamos lá ouvir outra mentira do homem que ganha a vida a mentir.

Era verdade. O Lobo *ganhava* a vida a mentir, embora isso constituísse a própria natureza de Wall Street para quem queria ser um grande corretor. Toda a gente sabia, sobretudo a Duquesa, portanto ela não tinha o direito de se zangar por isso. No entanto, deixei passar o sarcasmo, fiz uma pausa para ganhar mais alguns instantes e melhor congeminar a minha história da treta e disse:

— Para começar, percebeste tudo mal. A única razão por que não te telefonei ontem à noite foi porque não contava vir para casa tão tarde. Quando dei por mim, já eram onze horas. Sei quanto aprecias o teu sono de beleza e calculei que já estivesses a dormir, portanto achei que não adiantava nada telefonar.

A resposta venenosa da Duquesa não se fez esperar:

— Oh, és tão atencioso! Vou a correr dar graças à minha boa estrela por ter um marido tão atencioso. — O sarcasmo escorria das suas palavras como pus.

Ignorei-o e resolvi ir direito ao cerne da questão:

— Além do mais, tiraste toda essa história de Venice do contexto. Ontem à noite estive a falar com o Marc Packer acerca de abrir um Canastel's em Venice, Califór...

*CHAPE!*

— És um mentiroso de merda! — gritou ela, arrancando um roupão de seda das costas de uma cadeira obscenamente cara, estofada de branco. — Um perfeito e rematado mentiroso de merda!

Soltei um suspiro significativo:

— Muito bem, Nadine, já te divertiste à minha custa esta manhã. Agora volta para a cama e dá-me um beijo. Ainda te amo, apesar de me teres encharcado.

*O olhar que ela me deitou!*

— Queres dar-me uma queca agora?

Arqueei as sobrancelhas até meio da testa e acenei ansiosamente. Era a expressão que um rapazinho de sete anos faz quando a mãe lhe pergunta se quer um gelado.

— Muito bem! — berrou a Duquesa. — Vai-te foder!

E, com aquelas palavras, a voluptuosa Duquesa de Bay Ridge abriu a porta — a porta de trezentos e cinquenta quilos de peso e mais de três metros e meio de altura, feita de mogno maciço e suficientemente robusta para resistir a uma explosão nuclear de doze quilotoneladas — e saiu do quarto, fechando suavemente a porta atrás de si. Afinal, bater com a porta daria um sinal errado à estranha mistura que constituía o nosso pessoal doméstico.

A estranha mistura que constituía o nosso pessoal doméstico consistia em: cinco empregados agradavelmente rechonchudos de língua espanhola, dos quais dois pares de marido e mulher; uma loquaz ama jamaicana, que aumentava a nossa conta de telefone em cerca de mil dólares por mês, à força de telefonar a toda a sua família na Jamaica; um electricista israelita, que seguia a Duquesa para toda a parte, como um cachorrinho apaixonado; um faz-tudo branco ordinário, que exibia o dinamismo de uma lesma viciada em heroína; a minha empregada pessoal, Gwynne, que adivinhava todas as minhas necessidades, por muito bizarras que fossem; Rocco e Rocco, os dois seguranças armados que nos protegiam das multidões de gatunos, apesar do facto de o último crime ocorrido em Old Brookville remontar a 1643, quando os colonos brancos roubaram as terras aos índios Mattinecock; cinco paisa-

gistas a tempo inteiro, três dos quais tinham sido mordidos pela minha *labrador retriever* castanho-chocolate, que se chamava *Sally* e mordia em quem quer que tivesse a ousadia de se aproximar a menos de trinta metros do berço de Chandler, sobretudo se se tratasse de alguém cuja pele fosse mais escura do que um saco de papel pardo; e, finalmente, a nossa mais recente aquisição, dois biólogos marinhos a tempo inteiro, também eles uma equipa de marido e mulher, os quais mantinham aquele pesadelo de lago artificial ecologicamente equilibrado, pela módica quantia de noventa mil dólares por ano. E, claro, havia ainda George Campbell, o motorista da minha limusina, que era preto como carvão e odiava todos os brancos, incluindo eu.

No entanto, apesar de haver tanta gente a trabalhar na mansão Belfort, isso em nada alterava o facto de, naquele momento, eu estar ensopado e excitado como o diabo, tudo graças à minha loura segunda mulher, a aspirante a tudo. Olhei em redor, em busca de algo para me secar. Agarrei numa das cascatas de seda chinesa branca e tentei enxugar-me. Céus! Não ajudou absolutamente nada. Ao que parecia, a seda fora impermeabilizada e não fazia mais do que empurrar a água de um lado para o outro. Olhei para trás de mim: a fronha da almofada! Era de algodão egípcio, provavelmente tecido com três milhões de fios. Devia ter custado uma fortuna... *do meu dinheiro!* Tirei a fronha da almofada excessivamente cheia de penas de ganso e tratei de me limpar. Ahhh! O algodão egípcio era agradável e macio, e tinha uma excelente capacidade de absorção. Senti-me bastante mais animado.

Rolei para o outro lado da cama, para sair da zona molhada. Era o lado da minha mulher. Tencionava puxar os lençóis para cima da cabeça e regressar ao seio quente do meu sonho. Voltaria para Venice. Respirei fundo... *Oh, merda! Sentia-se o perfume da Duquesa por toda a parte!* O sangue afluiu-me imediatamente às virilhas. Santo Deus! Ela era um animalzinho provocante, aquela Duquesa, com um cheiro igualmente provocante! Não tinha alternativa senão masturbar-me. Aliás, era tudo pelo melhor. Afinal, o poder que a Duquesa exercia sobre mim começava e acabava abaixo da linha da cintura.

Preparava-me para tratar da minha própria tranquilidade, quando ouvi bater à porta.

— Quem é? — perguntei, em voz suficientemente alta para me fazer ouvir através da porta de abrigo antibomba.

— É a Gwaayne — veio a resposta.

Ahh, *Gwynne!* Com o seu maravilhoso sotaque arrastado do Sul. Tão reconfortante! De facto, tudo em Gwynne era reconfortante. A maneira como adivinhava as minhas necessidades, a dedicação que tinha por

mim, como se eu fosse o filho que ela e o marido, Willie, nunca tinham conseguido conceber.

— Entra — repliquei, calorosamente.

A porta de abrigo antibomba abriu-se com um rangido.

— *Bo'diiiiaaa, bo'diiiiaaa!* — entouu Gwynne. Sobrava um tabuleiro de prata, sobre o qual equilibrava um copo alto de refresco de café e um frasco de aspirinas da Bayer. Trazia uma toalha de banho branca entalada sob o braço esquerdo.

— Bom dia, Gwynne. Como estás tu nesta linda manhã? — perguntei, simulando um tom formal.

— Oh, estou bem... estou bem!

*Tô beem... tô beem!*

— Vejo que está deitado no lado da sua mulher, portanto vou aí levar-lhe o seu refresco de café. Também lhe trouxe uma toalha macia para se limpar. A Sra. Belfort disse-me que o senhor tinha entornado água por cima de si.

Inacreditável! Martha Stewart volta a atacar! De repente, dei-me conta de que a minha ereção dava ao edredão de seda branca uma aparência de tenda de circo. Merda! Levantei os joelhos o mais depressa que pude.

Gwynne aproximou-se da cama e pousou o tabuleiro na mesa de cabeceira antiga do lado da Duquesa.

— Pronto, deixe-me enxugá-lo — disse ela, inclinando-se e começando a limpar a minha testa com a toalha, como se eu fosse um bebé.

Santo Deus! Aquela casa era um circo! Quero dizer, ali estava eu, deitado de costas, com uma ereção desesperada, enquanto a minha rechonchuda empregada negra de cinquenta e cinco anos, que era um verdadeiro anacronismo vindo de eras passadas, se debruçava sobre mim, com os seus seios caídos a oscilar a uns escassos três dedos dos meus olhos, a limpar-me com uma toalha de banho *Pratesi* com monograma, que custara quinhentos dólares. Claro que Gwynne não parecia absolutamente nada negra. Nada disso! Isso seria demasiado normal para *aquela* casa. Na realidade, Gwynne era mais clara do que eu. Supunha que algures na sua árvore genealógica, havia talvez uns cento e cinquenta anos, nos tempos em que Dixie ainda era Dixie, uma tetravó sua tivesse sido o amor secreto de um qualquer rico proprietário do Sul da Jórgia.

Fosse como fosse, pelo menos aquele ultragrande plano dos seios caídos de Gwynne teve o efeito de fazer com que o sangue que me afluía às virilhas regressasse aos lugares por onde devia andar, nomeadamente ao meu fígado e canais linfáticos, onde podia ser desintoxicado. No entanto, a mera visão dela debruçada sobre mim daquela maneira era

mais do que eu conseguia suportar, pelo que tratei de lhe explicar amavelmente que era perfeitamente capaz de limpar a minha própria testa.

Esse facto pareceu entristecê-la, mas limitou-se a dizer: «OK», o que, na sua boca, soava como «*Ooookaiiii*». Depois acrescentou:

— Precisa de aspirina? — «*Preeciisaa d'aaspiiriinaa?*»

Abanei a cabeça:

— Não, Gwynne, estou bem. Mas obrigado, de qualquer maneira.

— *Ooookaiiii*, e então aqueles comprimidos brancos para as costas? — indagou ela, num tom inocente. — Quer que vá buscar-lhos?

Céus! A minha própria empregada estava a oferecer-se para ir buscar-me *Quaalude* às sete e meia da manhã! Como podia eu andar sóbrio? Onde quer que estivesse, as drogas seguiam coladas aos meus calcanhares, perseguindo-me, chamando-me pelo nome. E o pior sítio era a minha sociedade de corretagem, onde os bolsos dos meus jovens corretores estavam sempre atafalhados com praticamente todas as drogas que se podia imaginar.

Contudo, as costas doíam-me *de facto*. Tinha dores crónicas devido a um acidente disparatado que ocorrera imediatamente depois de ter conhecido a Duquesa. Foi o cão dela que deu cabo de mim, aquele maltês estuporado, de seu nome *Rocky*, que ladrava sem parar e não servia absolutamente para nada além de aborrecer todos os seres humanos com os quais entrava em contacto. Eu estava a tentar convencer o estuporzinho a regressar da praia, no fim de um dia de verão nos Hamptons, mas o filho da mãe recusou-se a obedecer-me. Quando tentei apanhá-lo, pôs-se a correr em círculos à minha volta, obrigando-me a atirar-me de cabeça para tentar agarrá-lo. Um pouco como Rocky Balboa a perseguir a galinha no filme *Rocky II*, antes do combate com Apollo Creed. Mas, ao contrário de Rocky Balboa, que conseguiu tornar-se rápido como um relâmpago e ganhar o seu combate, eu acabei com uma hérnia discal e passei duas semanas de cama. Desde então, já me submetera a duas operações à coluna, ambas as quais me tinham deixado ainda com mais dores.

Portanto, o *Quaalude* servia-me de analgésico — mais ou menos. Mas, mesmo que não fizesse nada para aliviar a dor, isso constituía uma excelente desculpa para continuar a tomá-lo.

Aliás, eu não era o único a odiar aquela merdinha de cão. Toda a gente o detestava, com exceção da Duquesa, que era a sua única protetora e consentia que aquele rafeiro fedorento dormisse aos pés da cama e lhe roesse as cuecas, facto que, por qualquer razão inexplicável, me deixava cheio de ciúmes. Fosse como fosse, tudo indicava que *Rocky* continuaria connosco nos tempos mais próximos, até eu arranjar uma maneira de o eliminar sem que a Duquesa me pudesse deitar as culpas.

No entanto, disse a Gwynne que não precisava de *Quaalude*, obrigado. Mais uma vez, esse facto pareceu entristecê-la. Afinal, não conseguira adivinhar as minhas necessidades. Contudo, limitou-se a dizer:

— *Ooookaiii*, bem, já liguei o temporizador da sua sauna, portanto já está tudo pronto, e também preparei a sua roupa ontem à noite. O fato cinzento de riscas e a gravata azul com os motivos pequeninos, está bem? — «*Tá beeim?*»

Céus, aquilo é que era bom serviço! Porque não podia a Duquesa ser um pouco mais como Gwynne? É verdade que eu pagava à minha empregada setenta mil dólares por ano, o que era mais do dobro do preço normal, mas... Vejam o que isso me valia: bom serviço, sempre com um sorriso! Ao passo que a minha mulher gastava setenta mil dólares por mês, no mínimo. Na realidade, com aquela mania de ser aspirante a isto e aquilo, o mais certo era gastar o dobro. Não me importava nada com isso, mas tinha de haver algumas contrapartidas. Por exemplo, se eu precisasse de sair de vez em quando e molhar o pincel aqui ou ali, ela devia deixar-me em paz, não devia? Sim, com certeza que sim. O sentimento de convicção era tão forte que dei por mim a acenar afirmativamente, em sinal de concordância com os meus próprios pensamentos.

Ao que parecia, Gwynne interpretou os meus acenos como uma resposta afirmativa à sua pergunta, pelo que prosseguiu:

— *Ooookaiii*, então vou preparar a Chandler, para ela estar toda bonita e limpinha quando for vê-la. Desejo-lhe um bom duche!

O seu tom era tão, tão, tão animado!

E, com isto, saiu do quarto. Bem, pensei para comigo, pelo menos ela acabou com a minha ereção, portanto saí a ganhar. No que dizia respeito à Duquesa, preocupar-me-ia com ela mais tarde. Afinal, ela era uma simplória e os simplórios são conhecidos pela sua natureza indulgente.

Tendo resolvido todos esses problemas no meu espírito, emborqueei o meu refresco de café, tomei seis aspirinas, saí da cama e encaminhei-me para a sauna. Ali suaria os cinco comprimidos de *Quaalude*, os dois gramas de coca e os três miligramas de *Xanax* que consumira na noite anterior — era uma dose de drogas relativamente modesta, considerando aquilo de que eu era realmente capaz.

Ao contrário do quarto, que era um monumento à seda chinesa branca, a casa de banho era um monumento ao mármore italiano cinzento. Este fora disposto num requintado padrão que lembrava *parquet*, como só os filhos da mãe dos italianos sabem fazer. Também não se tinham acanhado nada na hora de me enviar a fatura! Mas eu pagara

àqueles ladrõezecos sem pestanejar. Afinal, era da própria natureza do capitalismo do século XX que toda a gente enganasse toda a gente e que aquele que enganasse mais acabasse por ganhar o jogo. Nessa base, eu era o invicto campeão do mundo.

Tirei um momento para estudar o meu reflexo no espelho. Céus, era mesmo escanzelado! Era musculoso, mas, ainda assim... tinha de andar às voltas no duche para conseguir molhar-me! Seria por causa das drogas? Talvez; mas aquela magreza ficava-me bem. Media apenas um metro e sessenta e nove e certa pessoa muito elegante dissera outrora que nunca se podia ser demasiado rico ou demasiado magro. Abri o armário dos medicamentos e peguei num frasco de *Visine*. Atirei a cabeça para trás e deitei seis gotas em cada olho, o que correspondia ao triplo da dose recomendada.

Nesse mesmo instante, uma ideia estranha surgiu-me no cérebro: que espécie de homem abusa do *Visine*? Já agora, o que me levava a tomar seis aspirinas? Não fazia sentido nenhum. Afinal, ao contrário do que acontece com o *Quaalude*, a coca e o *Xanax*, em que as vantagens de aumentar a dose são perfeitamente evidentes, não havia absolutamente nenhuma razão válida para exceder as doses recomendadas de *Visine* e de aspirina.

No entanto, ironicamente, esse absurdo representava exatamente aquilo em que a minha vida se transformara. Tinha tudo a ver com excessos, com atravessar fronteiras proibidas, fazer coisas de que nunca nos julgaríamos capazes e conviver com pessoas ainda mais loucas do que nós, para podermos sentir-nos um tudo-nada mais normais perante a nossa própria vida.

De súbito, comecei a ficar deprimido. Que ia fazer acerca da minha mulher? *Santo Deus, teria mesmo estragado tudo desta vez?* Ela parecia bastante zangada! Que estaria a fazer agora? Se tivesse de adivinhar, diria que o mais certo era estar ao telefone, a falar com uma das suas amigas, ou discípulas, ou lá o que eram. Estava algures no andar de baixo, a distribuir pérolas de sabedoria pelas suas imperfeitas amigas, na esperança sincera de que, graças às suas instruções, elas pudessem tornar-se tão perfeitas como ela própria. Ahhh, era assim a minha mulher — a Duquesa do estupor de Bay Ridge! A Duquesa e as suas súbditas fiéis, as jovens esposas dos funcionários da Stratton, que a veneravam como se ela fosse a própria rainha Isabel. Era completamente nauseante.

Contudo, há que dizer, em sua defesa, que a Duquesa tinha um papel a representar e que o representava bem. Compreendia o distorcido sentido de lealdade que todas as pessoas envolvidas com a Stratton Oakmont alimentavam pela firma e forjara laços com as mulheres dos

funcionários mais importantes, o que tornara as coisas muito mais sólidas. Sim, a Duquesa era muito esperta.

Normalmente vinha ter comigo à casa de banho, de manhã, enquanto eu me preparava para sair para o trabalho. Era boa conversadora, quando não estava demasiado ocupada a mandar-me foder. Mas, quando isso acontecia, geralmente a culpa era minha, portanto não podia culpá-la. Aliás, não podia culpá-la por coisa nenhuma, pois não? Ela era uma excelente esposa, apesar de todas aquelas merdas tipo Martha Stewart. Devia dizer-me «Amo-te» umas cem vezes por dia. E, à medida que o dia avançava, acrescentava algumas pequenas e adoráveis expressões enfáticas: *Amo-te desesperadamente! Amo-te incondicionalmente!*... e, claro, a minha favorita: *Amo-te até à loucura!* Essa era a expressão que eu considerava mais apropriada.

Contudo, apesar das suas palavras agradáveis, eu não tinha a certeza de poder confiar nela. Afinal, era a minha segunda mulher e falar é fácil. Ela estaria realmente ao meu lado para o bem e para o mal? Exteriormente, dava todos os sinais de me amar verdadeiramente. Cobria-me constantemente de beijos e, sempre que estávamos em público, pegava-me na mão, ou punha-me o braço em torno do corpo, ou passava-me os dedos pelo cabelo.

Era tudo muito confuso. Quando estava casado com a Denise, nunca me preocupava com essas coisas. Ela casara comigo no tempo em que eu não tinha nada, portanto a sua lealdade era inquestionável. Mas, quando eu ganhara o meu primeiro milhão de dólares, ela devia ter tido um mau pressentimento e perguntara-me por que motivo não arranjava um emprego normal em que ganhasse um milhão de dólares por ano. Parecia uma pergunta ridícula, mas, nessa altura, nenhum de nós sabia que, daí a menos de um ano, eu estaria a ganhar um milhão de dólares por semana. E nenhum de nós sabia que, daí a menos de dois anos, Nadine Caridi, a rapariga da *Miller Lite*, estacionaria à porta da minha casa de praia de Westhampton, no fim de semana de 4 de julho, e se apearia do seu *Ferrari* amarelo-banana, com uma saia ridiculamente curta e um par de sapatos brancos de saltos altíssimos.

Nunca pretendia magoar Denise. Na realidade, isso era a última coisa que desejava. Mas Nadine pôs-me a cabeça a andar à roda e eu pus a dela a fazer o mesmo. Não podemos escolher a pessoa por quem nos apaixonamos, não é verdade? E, uma vez apaixonados, apanhados por aquela espécie de amor obsessivo que tudo consome, aquela espécie de amor em que duas pessoas não suportam estar separadas nem mesmo por um só momento, como se pode renunciar a essa paixão?

Inspirei profundamente e exalei devagar, tentando enterrar toda essa história de Denise bem abaixo da superfície. Afinal, a culpa e os

remorsos não passavam de emoções sem valor, não era? Bom, eu sabia que não era assim, mas o certo é que não tinha tempo para esse tipo de sentimentos. Andar para a frente, isso é que interessava. Correr o mais depressa possível, sem nunca olhar para trás. Quanto à minha mulher... bem, trataria de endireitar as coisas com ela também.

Tendo resolvido os problemas no meu espírito pela segunda vez em menos de cinco minutos, forcei-me a sorrir ao meu próprio reflexo e encaminhei-me para a sauna. Lá poderia dissolver os espíritos malévolos em suor e começar um novo dia.